teatro
CENTELHA

Helder Costa

TEATRO OPERÁRIO

HELDER COSTA

BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

«TEATRO OPERÁRIO»

«18 DE JANEIRO DE 1934»

«O SOLDADO»

centelha

COIMBRA
1980

FICHA

Título: Teatro Operário

Autor: Helder Costa

Capista: João Botelho

Editor: Centelha — Promoção do Livro, S.A.R.L.
Apartado 241 — 3003 Coimbra Codex

O SOLDADO

«O SOLDADO»

Estreia — 25 de Dezembro de 1972, pelo «Teatro Operário de Paris», na Maison des Jeunes et de la Culture de FRESNES (PARIS);

1973 e 1974 — dezenas de espectáculos em Paris, arredores, e outras cidades Francesas;

Representações na Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Dinamarca e Suécia;

entrevistas sobre o espectáculo para programas culturais da Rádio Dinamarca e Rádio Suécia.

O SOLDADO

PEÇA EM 3 PARTES — ANGOLA, PORTUGAL, FRANÇA E 17 QUADROS

1. DESFILE EM LUANDA;
2. CABARET;
3. MISSA;
4. ALDEIA ANGOLANA;.
5. MASSACRE;
6. GUERRILHEIROS;
7. ALDEIA LIBERTADA;
8. TASCA EM PORTUGAL;
9. RECRUTA;
10. ATAQUE AO BUFO;
11. AGITAÇÃO NOCTURNA NO QUARTEL;
12. AULA POLÍTICA MILITAR;
13. LEVANTAMENTO DE RANCHO;
14. JURAMENTO DE BANDEIRA;
15. DESERÇÃO COM ARMAS;
16. INTERROGATÓRIO DOS SOLDADOS;
17. FRANÇA.

QUADRO I — DESFILE EM LUANDA

Música africana que vai sendo abafada por marcha militar.
Do fundo, surgem duas colunas de soldados.
Flores atiradas por senhoras da burguesia.
Os soldados param diante da tribuna do Governador.

GOVERNADOR — Bravos Soldados Portugueses; É com emoção que vos acolho para o cumprimento de mais uma missão de soberania. A guerra é dura, mas ao mesmo tempo, terão a suprema felicidade de criar verdadeiros e sólidos laços de camaradagem uns com os outros. A verdadeira amizade é a que se faz na luta, *(elevando a voz).*
Em defesa dos nobres ideais da nossa Pátria, em defesa da nossa civilização que se quer *(gritando e gesticulando)* livre e contra a opressão e o terror do comunismo
A recepção espontânea a que vocês estão a assistir por parte da população (aponta os «manifestantes») é a melhor prova do profundo amor que o povo de Luanda vos dedica.
Dirijam-se ao quartel onde ficarão à espera de ordens. Coragem e dignidade!
Viva Portugal!

NARRADOR — Começou a vida do soldado em Luanda. Dentro de dias partirá para o mato. Mas Luanda tem outros aspectos menos conhecidos e mais interessantes, que vamos passar a mostrar-vos.

QUADRO III — MISSA CAMPAL

CAPELÃO — Dominus vobiscum...

ASSEMBLEIA *(composta por oficiais, governador, senhora do M. N. F., Cruz Vermelha e soldados):* Et cum spirito tuo!

CAPELÃO *(ajoelha, dá um sonoro beijo sobre o altar levanta-se, coloca-se do lado esquerdo e inicia o balbuciar de frases a um ritmo religioso, levantando os braços no final de cada uma e sendo seguido pela assistência)* — Nha... Nha... Nha.....

ASSEMBLEIA — Amen!

CAPELÃO — Nha... Nha... Nha.....

ASSEMBLEIA — Amen!

CAPELÃO — Nha... Nha... Nha.....

ASSEMBLEIA — Amen!

(O padre volta e ajoelha no centro do altar. Dá outro sonoro beijo, eleva mais uma vez os braços e diz).

CAPELÃO — Sentai-vos meus irmãos!

(A assembleia que está de joelhos, senta-se sobre os calcanhares. O sacristão apronta-se o colocar uma cadeira para lhe possibilitar a subida para cima da mesa).

CAPELÃO — *(voz esganiçada elevando os braços para o Céu e gritando no final de cada frase)* — Que o Senhor nos proteja neste sagrado dever de matar os terroristas...

ASSEMBLEIA — Amen! *(Ouve-se a sineta do sacristão).*

CAPELÃO — Pedimos a vós, senhor, a vossa divina protecção para que nos salvemos das balas dos Africanos ingratos à civilização portuguesa!

ASSEMBLEIA — Amen!

CAPELÃO — Pedimos também senhor que abençoes os corajosos soldados que estão prestes a partir para o mato...

ASSEMBLEIA — Amen!

CAPELÃO — Pedimos também senhor, cheio de graça que proteja as nossas mulheres que estão em Portugal e as livre das tentações da carne e do mau olhado do diabo!

ASSEMBLEIA — Amen!

CAPELÃO *(chorando num transe insuportável)* — Que o senhor nos dê sorte e saúde e nos permita que matemos muitos- *(tremendo e gritando)* — muitos! muitos! terroristas

ASSEMBLEIA — Amen!

(Desce «estafado» do altar, o sacristão ajuda-o uma vez mais, eleva os braços e olha o céu. Entretanto o sacristão apressa-se e coloca as hóstias, que são um pacote de batatas fritas, sobre a bandeja. Abre o pacote com os dentes e dá-lhe uma batata. O padre pega nela, abençoa o público e parte-a em pedaços que vai pondo na boca e engolindo, com dificuldade, chegando a engasgar-se pelo que o sacristão é obrigado a dar-lhe uma palmada nas costas. Finda a operação o sacristão passa-lhe o pacote com as restantes batatas e uma garrafa de vinho, com os quais ele também abençoa o público, despeja todas as batatas fritas sobre uma bandeja e começa a cantar o hino de Fátima, cantando somente Avé,

Avé Maria..., no que é acompanhado por todos os crentes. Ao mesmo tempo distribui as hóstias sagradas. Os religiosos nos seus lugares com as mãos postas e os olhos fechados deitam a língua de fora, o padre põe uma batata frita em cada língua).

(Depois de todos os crentes terem tomado o corpo do senhor e como sobram ainda batatas, o capelão começa a tirar mãos cheias de hóstias e a comê-las, no que é secundado pelo sacristão. Depois faz um sinal a este último que abre a garrafa do vinho e ambos bebem o sangue divino, Os assistentes continuam a cantar. O sacristão vai buscar um balde de água e uma brocha, o padre interrompe o hino).

CAPELÃO *(benzendo e molhando os crentes)* — Deus vos abençõe, Deus vos abençõe... *(gritando)* Toca pró mato, vamos a andar!!! *(Os soldados e restantes assistentes, levantam-se apressadamente, o padre larga a brocha e o sacristão traz-lhe a cruz. Entretanto um oficial grita).*

OFICIAL — Soldados! Está a formar! *(As senhoras e o governador, etc., põem-se de lado e os soldados formam a dois). (O padre avança para junto do oficial olham-se face a face em posição estática, um com a espingarda levantada e o outro com a cruz. Trocam de armas).*

OFICIAL — Em frente! *(Avança empunhando a cruz acompanhado pelo padre que leva a espingarda. Os soldados seguem-nos).*

QUADRO IV — ALDEIA ANGOLANA

Ouve-se música popular Africana. Os actores que ficaram no palco imitam a vida e o trabalho de uma aldeia, sob as ordens de um capataz com um chicote na mão.
Entra o colonialista:

COLON. — Não há problemas?

CAPATAZ — Tudo em ordem. Quando há um que quer ganhar mais, sei tratar dele.

(Leva a mão à pistola que traz na cinta.

COLON. — É preciso escolher alguns para irem para a Companhia dos Diamantes. Eles pagam-nos a 5 contos cada um. E não quero velhos, hein! É preciso gente que dê rendimento.

CAPATAZ — Com certeza, patrão! Mas se calhar há aqui gajos que ajudam os turras. É preciso ver isso.

O patrão dá-lhe afectuosamente o braço e afastam-se falando baixinho. O grupo continua a trabalhar.

QUADRO V — MASSACRE

Da assistência, vêm correndo os soldados, que cercam a população.

OFICIAL — Onde estão ou turras? Onde estão os turras?

Um indígena atira-se a ele e é abatido por um tiro.

(O oficial dá ordem para violar as mulheres e outro indígena é chicoteado. Depois ordena que eles se ponham em fila e obriga-os a matarem-se uns aos outros, por estrangulamento, com um lenço de seda que um soldado usava ao pescoço.

O último que resta é perseguido pelos soldados e é apunhalado. Um dos soldados avança para a frente do palco, tira a boina e atira fora a espingarda e começa a ler a notícia desta história verídica).

Em seu lugar construiremos UM MUNDO NOVO, com a maior democracia para o povo, onde quem trabalha terá todos os direitos, e quem não trabalha e quer viver à custa dos outros será tratado como um ladrão e um parasita.

Esta será a sociedade de DEMOCRACIA POPULAR, caminho para o Socialismo e para o Comunismo.

VIVA A CLASSE OPERÁRIA!

OPERÁRIOS E CAMPONESES UNIDOS VENCERÃO!

VIVA O COMUNISMO!